

| ESTÂNCIA DO SINO COBERTO

I

Porque tudo se move, numa entoação a cerzir um ritmo vascular. Uma renda de escarpas de reflexos incontidos, para depois regressar a um fundo anónimo em permanente expansão da luz nas faces austeras de prata, diluída pela passagem branda de nuvens cinzentas no céu.

As chamas crepitam, ateadas pelas mãos de homens rudes. Já o dia morno passou e o fogo desmedido dança alimentado por uma cegueira feroz, ao trazer para o centro da noite uma magnitude feérica. São vozes queimadas de ossos secos a estalar entre as labaredas vastas, erguendo-se sobre a destruição. Abrem caóticos clarões de luz no chão, nas paredes despidas poupadas ainda à voracidade primordial daquela respiração incendiária, alastrando consigo uma fuligem ácida, amarga. Uma névoa intoxicante tão densa cuja exalação parece emergir directamente do interior da noite. O ventre nu do silêncio estelar acordado pelo fulgor das chamas inebriantes que se propagam pelos edifícios, alimentadas pela dimensão de uma liberdade selvagem e voraz, reduzindo a cinzas cintilantes milhões de textos, cuidadosamente guardados num amplo edifício de nove andares. Em redor, o desespero a refulgir como clarões na noite; olhos de lágrimas incontidas acesas pelo calor das chamas, da tempestade enlouquecida afastando os sobreviventes: dizem que o

incêndio durou muitos dias, porque Bakhtiyar Khilgi não tinha encontrado o único livro que escutava.

Por certo as chamas trazem consigo um medo extremo, um arrebatamento simultâneo ao induzir uma excitação maravilhada, pela força da sua capacidade ativa, incontrolável. Ao longe ouve-se gritar, algumas vozes de homens na noite, por entre uma dança macabra com as suas direcções imprevisíveis alumando a espaços o terreiro enegrecido. Nos recantos mais sombrios, perto dessa devastação, conjuga-se um terror ancestral, impelindo à fuga insectos, grandes e pequenos, espantados nos movimentos que procuram afastar-se dessas forças humanas que desconhecem. Sim, também os pássaros suspendem o medo no peito, acordados na inquietude que se reflecte pela folhagem. Escondidos e distantes, assim estão ao receber os ecos assustadores crepitando nos edifícios em chamas, as mesmas que brilham no olhar apreensivo de pequenos símios, movendo-se nervosos, a intervalos expectantes e curtos. Antes de encetarem uma corrida em bando, as fêmeas trazendo as crias agarradas à barriga, ao procurar um arvoredor mais denso que lhes permita proteger daquela catástrofe infernal.

Quantas luas já se teriam avistado sobre a terra por entre os dias quentes, a embalar as rotinas lentas da geografia fértil, acordada pelas monções. Gestos repetidos de construção anónima a lavar fragâncias, como um corpo engalanado

abrindo a virtude de súbitos cantos improváveis. Num estertor lento e doloroso, ao quebrar, caem do alto de um edifício vigas de madeira fustigadas pelo fogo intenso que rodopia numa valsa frenética. Milhares de pequenas faúlhas soltam-se e infestam o ar de zumbidos alaranjados, crepitam luminosas a transpirar da destruição latente. O calor da fornalha, cortada por milhares de mosquitos e outros insectos, voando em roda, enlouquecidos pela luz, propaga-se, abrasador, em redor do recinto infectando ainda mais o ar pastoso da noite. Extrusiva, a destruição parece completa, total, e o calor das chamas ao apagar-se reduz tudo a cinza, no chão e junto às paredes de tijolos enegrecidos, abandonados pela violação que os tolheu. Antes disso, o fumo espesso eleva-se em turbilhões sucessivos de cromatismo vermelho e castanho, acendido por um fogo catastrófico que teima em possuir a noite.

II

Levanta-se uma brisa, a deslizar no manto sedoso de transparência oceânica, onde reluzem memórias na forma de diminutos astros incandescentes; surgem na quietude irrigada pelo sangue dos gestos envoltos pelo silêncio de um olhar atento. Uma recitação de musicalidade inaudita, brilhante, a ecoar enquanto ele recorda o interior de uma caverna perdida onde vivem seres perigosos. Respira os venenos que fazem circular, ao ser impelido para o precipício dessas vontades viscerais. A fermentação de um hálito caprichoso, realça uma capacidade grosseira, ao estragar o que é vivo para lidar com a putrefacção que daí advém. Encontra essa gente nesse lugar, pois noutro não lhes é permitido viver, antes que se esqueçam de si, dissolvidos em espirais de incenso a desenhar arcos de plantas no ar.

Na seda interior do seu corpo, entranha-se uma noite de cheiro perfumado. Move-se na destreza de sáurios por recitais de contos, onde seres espantosos operam milagres na forma de pedras brancas luminescentes. Uma aura resplandece nos olhos do viajante, no dia em que finalmente entra em Lampa, por terras Hindu. Entre a vegetação luxuriante, conhece aldeias e cidades percorridas por ruas sinuosas e estreitas de casas construídas de tijolos, bambu ou madeira coberta de palha. Depois de limpar o chão, os residentes

esfregam-no com um preparado de esterco de vaca, decorando-o posteriormente com flores, ao contrário do que acontece nos lares chineses.

Xuanzang é o mais novo de quatro irmãos. Se fosse indiano teria entrado na escola aos sete anos, para aprender alguns dos tratados dos cinco conhecimentos. Gramática, ofícios, medicina, lógica, conhecimento interior, onde é subjacente a teoria de causa e efeito. Nestas terras os corpos vibram inteiros, ao banharem-se antes de entrar nos templos e, no quotidiano, limpam os dentes com as cerdas de um galho de Neem mascado, ou outras árvores que tenham raízes amargas. Dividem o dia e a noite em Kala. As substâncias em várias divisões, continuando esse processo até chegarem a uma finura que reconhecem como indivisível e vazia. Sim, a sua família é reconhecida pela erudição, mantida durante muitas gerações. Agora, o eflúvio memorial cintila faiscante ao trazer a sua passagem pelo monte Aruna, no qual uma das frequentes avalanches deixa a descoberto o reino de um monarca serpente. Segue sozinho, inspirado por um medo avassalador, resgatado nas dobras de frases murmuradas em luzes reflectidas nos lagos, nos livros que procura, no ventre de stupas onde eclodem miraculosas chamas em fúria, deixando atrás de si um rio de pérolas evanescente. Nessa memória dirige-se para Este, atravessa as Montanhas Negras no território de Kapishi, onde se cruza com muitos mosteiros budistas e templos hindus. Antes, passa a Sul de Bactria, pelas terras de Kacik, ao atravessar grandes montanhas de neve onde o seu temor é posto à prova nos vales infestados por grupos de

bandidos. Depois dessa passagem entra seguro em Bamiyana, um vale que faz parte do Afeganistão actual, onde se prostra, incrédulo, diante estátuas colossais de Buda, esculpidas na rocha das montanhas perto de vários mosteiros.

Neste momento, a memória de viagem de Xuanzang circula sem relato fixo, talvez um boato entranhando-se de nomes de vários reinos. Poderá rever, mais tarde, todos os detalhes. Reflecte essa memória, outrora possivelmente mais estável, através de uma experiência de proximidade, viva e duradoura. Virgem ainda de filtros ruidosos, distrações, tornando débil a percepção. Nesse tempo podia confiar nos sentidos apurados para, mais tarde, registar os detalhes das escolas budistas pelas quais passou. O mosteiro e a capital de Bactria atraem numerosos raides de chefias turcas. Um furacão impiedoso de saque, cujas joias roubadas brilham de sangue que os salteadores lavam num grande reservatório de água. Fora da cidade, os cavaleiros passam indiferentes por uma vihara construída há muito tempo, além de várias stupas erguidas em honra de arhats.

Aos 27 anos, Xuanzang inicia a sua viagem à Índia que dura 17 anos. Encontra-se no seio desse período e a memória evoca aqueles primeiros anos em que percorre a Ásia Central, onde atravessa desertos, vales gelados e a faixa de Pamir. Seguro, através de um gesto dedicado que o leva, prossegue pelo caminho que liga Tian Shan, Karakoram, Kunlun, o Hindu Kush e a extensão das montanhas do Himalaia. Recorda, ao observar através da janela, o vento frio e contínuo a fustigar, penetrante, pondo à prova a sua

vontade exposta ao confronto pela sobrevivência. E são ferozes os dragões que vivem nessa passagem atormentando os viajantes, particularmente aqueles que usam roupas de cor castanho-avermelhado. Daí para a frente circunda, ao largo, um mar salgado, batido por uma solidão imensa. A pairar, uma névoa cinzenta e rarefeita, revolvendo-se o ar de curtos ventos, numa sismografia de prata fôska a brilhar atormentada. Estreito, de Norte para Sul, e extenso de Este para Oeste, o Grande Lago Puro, como lhe chamou, traz uma vitrificação estilhaçada à sua presença débil, por onde passa uma sombra pelos canais agregados, fixando-se na têmpora que lhe sustém os medos. Receia não conseguir ultrapassar a face da lâmina que se insurge a seus pés, frios como a água do lago, habitada por seres sobrenaturais, ressurgindo num clamor através de câibras dolorosas. Ao molhar o rosto, os olhos ficam cobertos de escamas de peixes tremeluzindo como se estivessem vivas. Próximo de si, na água revolta, algo cai incendiando antes o ar e, por momentos, Xuanzang pensa que ficou cego. Apenas adormecera de cansaço e, após alguns dias de viagem, depara-se com uma vasta região sem nenhum habitante. Mais adiante, para lá de cidades que se erguem perto de rios, encontra um território onde escasseia a água e não existe vegetação. Nesse local dominam facções de chefias turcas que combatem entre si para garantir o domínio, numa terra absorvida por uma pestilência desenfreada, onde grassa a doença extrema.

Está longe do seu país e reflecte o início dessa viagem, relemburada também pelas dobras da roupa, onde, por refluxo, se abre uma clareira trazendo o seu propósito anterior, ao viajar através da China na demanda por livros budistas. Segue a extensão das obras no oceano dos meses, revestindo um desejo amadurecido de visitar a Índia, quando chega a Chang'an, numa era de reinado pacífico. No entanto, estão proibidas as viagens ao estrangeiro que o monge desafia e consegue superar. Envolto por essa roupagem, traz agora a ponta dos dedos a tocar nos passos miraculosos que as pegadas de tatagata emanam nos dias de jejum. Antes de Samarcanda e Tashkent, a capital do moderno Uzbequistão, Xuanzang depara-se com milhares de ladrões turcos. Inquietos nas suas montadas que levantam pó ao circular por entre os despojos acabados de saquear. Nesse momento receia pela sua vida, até perceber que o medo se revela implausível através do boato que se espalha, ao fazer lutar entre si os ladrões por causa da divisão do saque de que se apropriaram. Tudo se perde durante a refrega, enquanto Xuanzang, atônito, observa os cavaleiros a dispersar até desaparecerem no horizonte, por entre brumas de poeira dourada. Por certo, dá testemunho desta ocorrência às caravanas que encontra, antes de alcançar as terras de Kuchi, da qual a sua memória se enleva com os cânticos, soando pelas paredes porosas de um mosteiro, onde a via do Buda é entoada na forma de textos em sânscrito. Imbuídas de serenidade as vozes propagam-se na memória como um manto a planar. Emergem na convulsão nocturna, nos dias de espanto, alimentado por espectros em movimento, assumindo a forma de uma vasta região, criada por uma raça desconhecida. Sabe apenas que



COMPANHIA
DAS ILHAS

azulcobalto nova série | ficções 002

Diniz Conefrey

ESTÂNCIA DO SINO COBERTO

© Autor e Companhia das Ilhas

Edição 358

azulcobalto | nova série | ficções 002

1.ª edição SETEMBRO de 2025

1.ª tiragem SETEMBRO de 2025

Revisão do texto FÁTIMA RIBEIRO DE MEDEIROS

Capa DINIZ CONEFREY

Design gráfico e paginação CAM

Fontes

Corpo do texto Swift

Outros elementos Gelliat ■ Gill Sans MT ■ Quick Sand ■ Myriad Pro

Impressão e acabamentos EUROPRESS. INDÚSTRIA GRÁFICA

Depósito legal 553 341 / 25

I S B N 978-989-9154-85-8

COMPANHIA DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3

9930-149 LAJES DO PICO

Telefones ■ Rede móvel: 912 553 059 | 917 391 275 ■ Rede fixa: 292 672 748

companhiadasilhas.lda@gmail.com

www.companhiadasilhas.pt